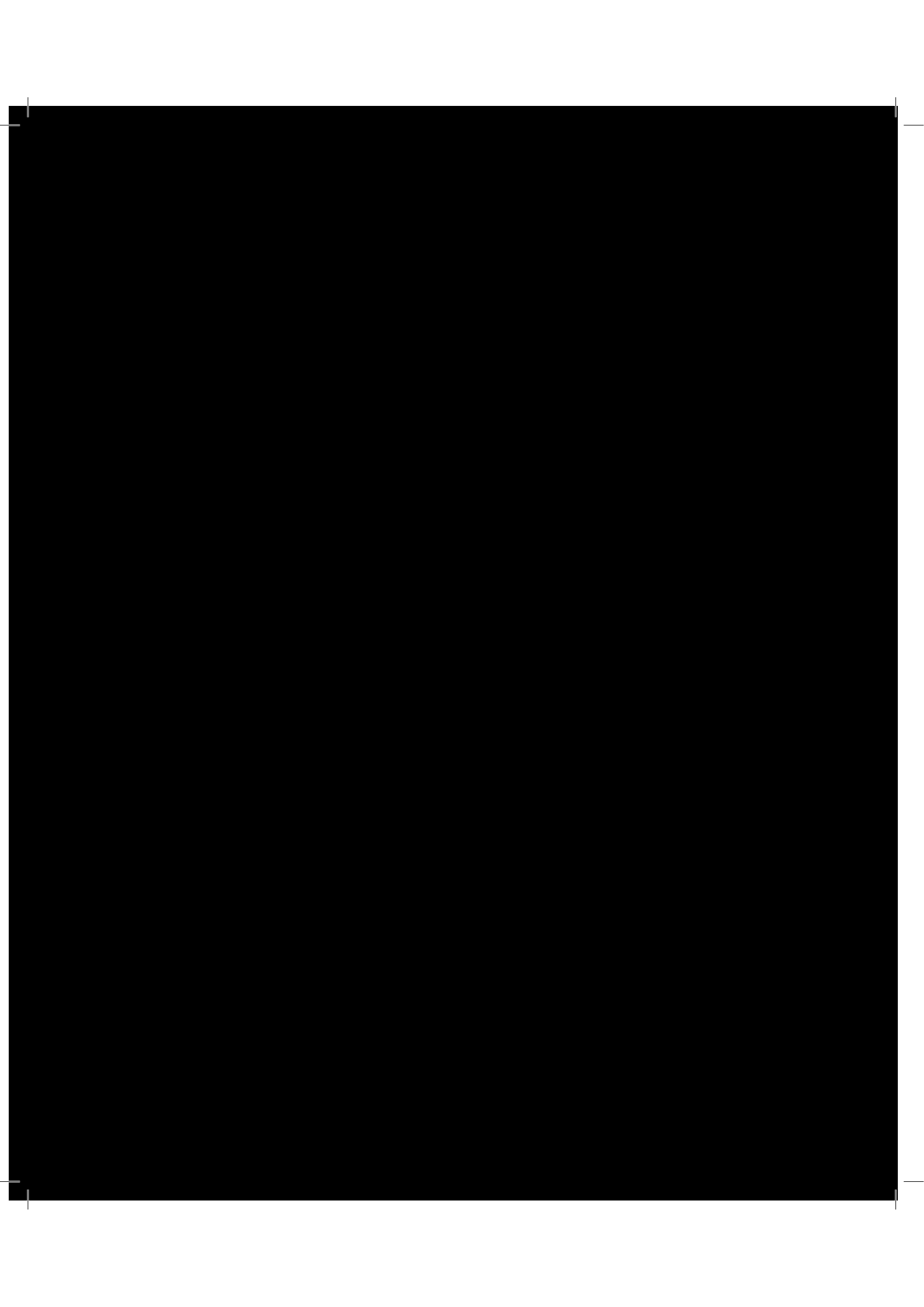




OS
(IN)VISÍVEIS
DE BAURU

CAMILA NEVES DE MELLO
JESSICA MOBÍLIO DA SILVA
LÍGIA GABRIELA FERREIRA



OS
(IN)VISÍVEIS
DE BAURU

FICHA TÉCNICA

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Fernando Labanca de George

FOTO DE CAPA: Jessica Mobílio

PRODUÇÃO E EDIÇÃO EDITORIAL: Camila Neves de Mello, Jessica Mobílio da Silva e Lúgia Gabriela Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA: Cherry Gráfica

PRODUÇÃO E EDIÇÃO FOTOGRÁFICA: Camila Neves de Mello, Jessica Mobílio da Silva, Lúgia Gabriela Ferreira

PROJETO EXPERIMENTAL: Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

ORIENTADORA: Prof(a). Eliza Bachega Casadei

Bauru, São Paulo / 2014



AGRADECIMENTOS

A nossa família que nos deu suporte durante os quatro anos da faculdade. Se não fossem eles este livro não seria possível. Aos nossos amigos que durante essa jornada nos presentearam com ideias, sugestões, críticas, gentilezas, companheirismo e o apoio moral. Aos perfis que nos proporcionaram momentos enriquecedores e nos deram a oportunidade de conhecer realidades distintas. Aos docentes do curso de Jornalismo que contribuíram para a nossa formação acadêmica e cultural.

Histórias emocionantes.

Pessoas escolhidas na multidão nos receberam em suas casas para falar sobre momentos de superação, perdas e preconceito. Através de fotografias do cotidiano, mostramos o por quê dessas pessoas serem consideradas invisíveis sociais e terem tornado-se exemplos para nós.

A cada ensaio fotográfico deste livro, o leitor acompanhará o que há de mais valioso para cada um deles. Com imagens compusemos o todo de cada perfil. Por trás de suas histórias buscamos fazer denúncias sociais. Vicente Ferreira Lucas dedica-se na luta para retirar a comunidade carente em que vive da invisibilidade perante o poder público.

Ariani Queiroz de Sá e Walmi Silva Coelho enfrentam a invisibilidade todos os dias ao se depararem com uma cidade sem infraestrutura para deficientes físicos.

Gabriel Felipe dos Santos Almeida, Peterson Francisco de Souza e José Luiz Rodrigues enfrentaram a invisibilidade por serem dependentes químicos e por terem morado na rua. Hoje a invisibilidade é outra. Para voltar a viver em sociedade, tiveram que se retirar dela.

Ricardo Barreira enfrenta a invisibilidade devido ao preconceito em torno da religião que segue.

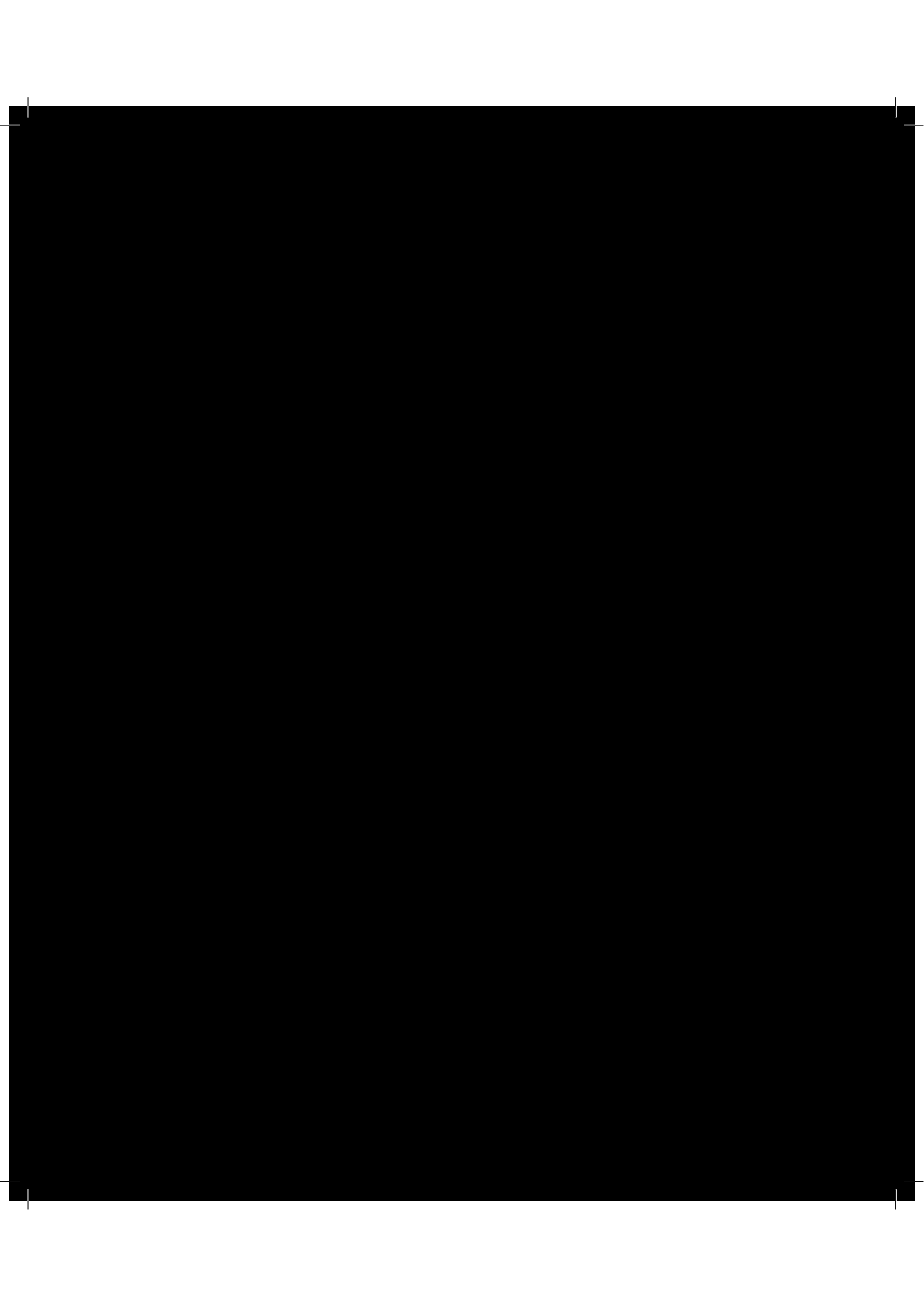
Fátima atualmente não enfrenta a invisibilidade, mas passou anos de sua vida se escondendo por ter uma doença de pele.

Marisa de Melo enfrenta a invisibilidade duplamente: por sua cor e por sua deficiência.

As histórias completas, dessas pessoas que lutam dia a dia contra a invisibilidade, podem ser descobertas nas próximas páginas.

Aos pais, irmãos e amigos.

Em memória de Vicente Ferreira Lucas.



a riqueza reflete
da simplicidade

A riqueza reflete da simplicidade

Vicente é nome de muitos, mas a história contada pelas marcas nas mãos, no rosto e no olhar pertence apenas a Vicente Ferreira Lucas. Nasceu no dia 25 de dezembro de 1930, em Nova Era, uma cidadezinha de Minas Gerais.

Com apenas sete anos aprendeu como é a vida de trabalhador. Aos 14 começou sua jornada em busca de estudo para posteriormente seguir sua paixão, a construção civil. Jornada esta que mais tarde o traria até o Ferradura Mirim, bairro da periferia de Bauru, interior de São Paulo. Quando completou 17 anos tornou-se pedreiro profissional com carteira assinada. Homem trabalhador, logo se destacou em suas atividades, o que lhe rendeu oportunidades na profissão. Vicente foi atrás do que o movia e deixou para trás a esposa e sete filhos que não vê há 25 anos.

Saindo de Minas Gerais, sempre movido pela construção civil, Vicente passou por várias cidades até chegar a Bauru, onde se estabilizou e vive até hoje. Chegou ao Ferradura Mirim em 1994, quando não existiam muitas casas nem ruas. Ajudou na formação do bairro e luta até hoje em busca de melhorias. A tentativa, mesmo que sem muitos resultados, é fazer com que a prefeitura enxergue a periferia em igualdade. Ele diz com convicção: "Todo cidadão tem direito a moradia composta dos essenciais: água e luz. Além de saúde! Tá escrito. Só que não acontece. Não é Bauru, é Brasil, talvez o mundo!".

Vicente está longe de sua família de sangue, mas a vida lhe deu uma nova família. Foi neste bairro que conheceu sua filha de coração, que o escolheu para ser seu pai. Ele cumpre este papel com orgulho e se sente feliz com tudo que lhe acontece.

Ele diz que foi um "andejo" nessa vida, e não pode dizer que nada ganhou, afinal está vivo! Sendo "andejo" e trilhando os caminhos que a vida lhe deu, Vicente cresceu muito em conhecimento e como pessoa. Isso reflete nas sábias palavras, no orgulho de sua história e no bem que busca fazer pelo bairro que vive: "Daqui não saio nunca mais!".







"Todo cidadão tem direito a moradia, composta dos essenciais: água e luz. Além de saúde! Tá escrito. Só que não acontece... Não é Bauru, é Brasil, talvez no mundo!"







*"Ninguém aqui tem o direito
de bater no peito e falar: isso
aqui é meu."*



*"Construí minha casa
sozinho, isso tudo aqui fui eu."*





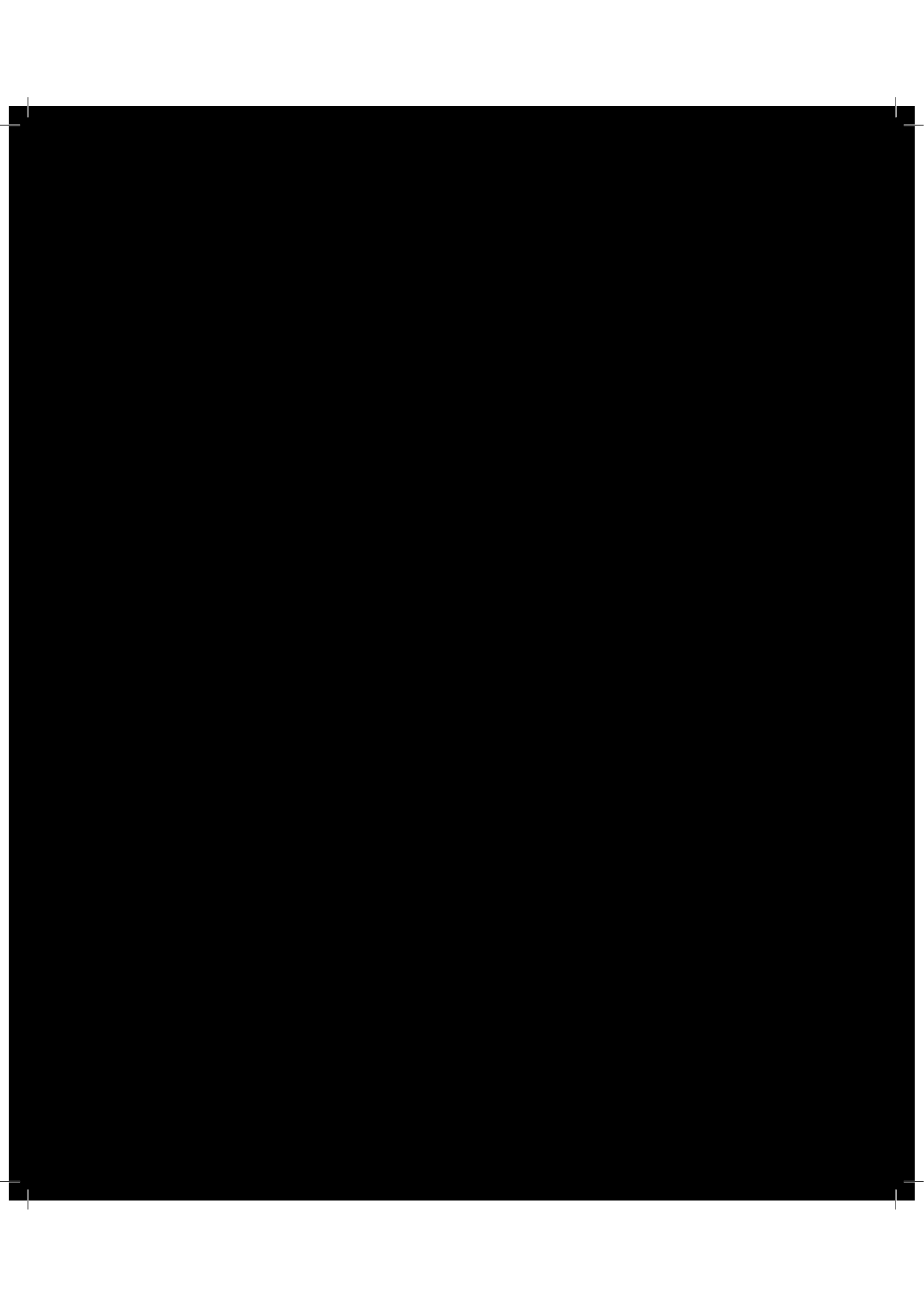


"Me sinto feliz com tudo o que me tem acontecido."



"Aqui dentro do bairro eu me sinto privilegiado: se ninguém me da nada, ninguém me tira nada."





a cadeira,
meu corpo

A cadeira, meu corpo

Cadeirante e mulher, 51 anos bem vividos e aproveitados. Ela se definiu como uma mulher feliz, independente de sua condição física. Ariani Queiroz de Sá frequenta aulas de tênis adaptado oferecidas em uma quadra paradesportiva para deficientes físicos em Bauru. Força, paciência e autocontrole a cada jogada. Assim, por uma hora, ela se demonstrou tranquila como se fizesse aquilo há muito tempo.

A partida a fez suar e colocar para fora todos os preconceitos e obstáculos que fazem parte de sua rotina diária. Teve poliomielite com 2 anos e perdeu os movimentos do joelho direito. Passou por várias cirurgias e complicações, chegando à adolescência com o auxílio da bengala. Aos 41 anos, começou a usar a cadeira de rodas para suprir as necessidades básicas.

Sofreu preconceito, mas o apoio familiar foi importante para que ela tivesse uma vida normal. Nunca foi tratada com diferença perante aos irmãos. Ela mora com a irmã, mas cuida de sua casa.

Conheceu o tênis adaptado há dois anos e nunca mais parou. Há acessibilidade em Bauru? Ela negou com a cabeça e disse que dependia do local, os bairros mais afastados do centro da cidade são extremamente pobres de infraestrutura para deficientes físicos. Faltam rampas, asfalto e sinalização. Em Bauru, a construção da praça paradesportiva foi só o começo, a falta de equipamentos para os jogos fez com que os projetos não acontecessem pela iniciativa da prefeitura e, sim, de forma particular.

Quem mantém o tênis adaptado? “Pessoas incríveis que doaram as cadeiras adaptadas para os jogos”, respondeu ela. Você se considera uma pessoa feliz? “Sou uma pessoa feliz, sou de bem comigo. Quando você é de bem com você mesma, você encara qualquer coisa. Em paz com o seu espírito, com a sua alma. Assim, tenho motivação para fazer qualquer coisa”.

Para ela, andar é só um detalhe e a felicidade está dentro dela e não pode ser medida pelas limitações externas.









*"Ter uma deficiência quando
você está em pé é diferente
de quando você está
sentado. Sentado é muito
mais agravante. Você se
torna muito mais limitado."*







*"Quando me tornei
deficiente tive uma
visão diferente das
coisas."*

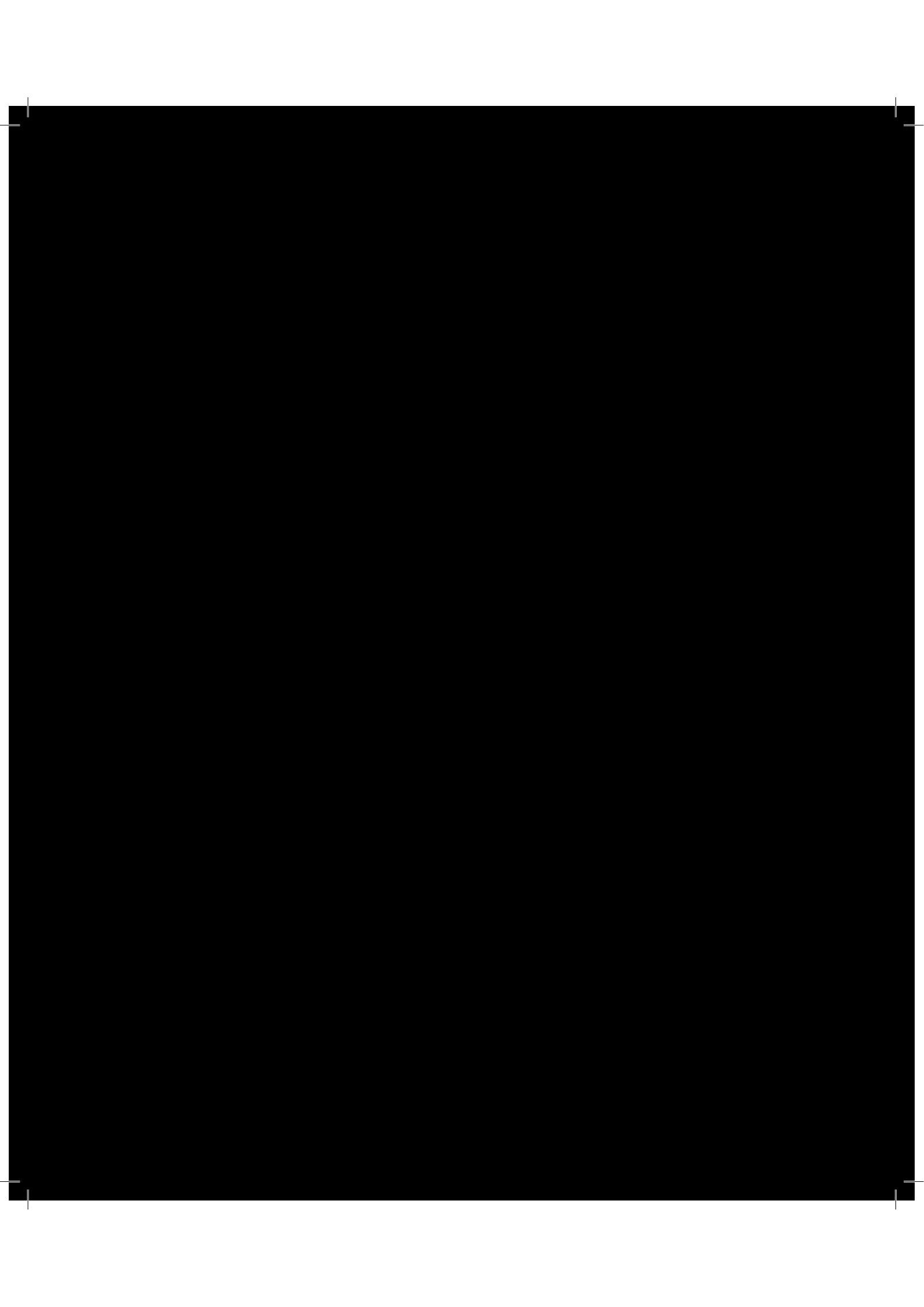


"Não é a deficiência que delimita meu grau de felicidade. Meu grau de felicidade está dentro de mim."









a vida sobre
duas rodas

A vida sobre duas rodas

A luta da aceitação começou ainda criança. Walmi Silva Coelho nasceu normal e um ano e meio depois adquiriu poliomielite, também chamada de paralisia infantil.

Quando Walmi pegou pólio sua mãe faleceu e seu pai perdeu-se no mundo. Aos sete anos de idade foi adotado e, com a nova família, começou o processo de tratamento. Foram várias cirurgias para que ele conseguisse ter a mínima mobilidade nas pernas.

Até os dez anos vivia apenas com a família, mas quando teve que morar sozinho em São Paulo para poder fazer o tratamento, que só era possível na capital, ele se deparou com a realidade.

Como a maioria dos garotos do colégio eram deficientes e já se aceitavam, teve de aprender a conviver com as brincadeiras relacionadas à paralisia. Foi então que ele também entrou para a “turma do fundão” e começou a tirar sarro dele e dos outros, aprendendo a viver a vida que lhe foi entregue.

18 anos completos: hora de liberdade. A escolha de sair do colégio e voltar para Bauru foi exclusivamente dele. Poderia ter ficado por lá muitos anos, mas a vontade de conhecer o mundo e de descobrir novas formas de viver foi mais forte.

A principal vontade: trabalhar. Entretanto, enfrentar o pré-conceito dos empregadores em uma época na qual ainda não existia a lei para cotas aos deficientes físicos, não seria uma batalha fácil. Foram incontáveis não.

A solução: ao invés dos empregadores adaptarem o espaço para o deficiente, ele quem se adaptou às formas que lhe eram oferecidas.

A conquista do emprego. Como ir trabalhar? Se hoje a questão da acessibilidade em Bauru é falha, como já foi dito no perfil da Ariani Queiroz, imagine na década de 90.

Para pegar ônibus, alguém levava sua cadeira e ele entrava se rastejando. E ficava por ali, no chão. As pessoas olhavam com indiferença e ninguém sedia o lugar. Mas hoje em dia ele quase não precisa passar por isso. Por ter nascido desta forma, Walmi desenvolveu uma habilidade impressionante com a cadeira de rodas. Ele consegue andar por todos os espaços públicos. Falta de rampa não é empecilho. Ruas íngremes? Muito menos. O apelido dele? Seninha.







"Quando fui trabalhar nos correios fui fazer uma entrevista, ainda não tinha lei de cotas para deficientes. Outro cadeirante foi primeiro, e na volta ele disse que os empregadores disseram que não iriam contratá-lo porque não tinham banheiro e rampas adaptados. Então eu fui ao banheiro normal, entrei e fiz minhas necessidades. Quando me chamaram para fazer a entrevista, deram a mesma desculpa, dizendo que não iam me contratar por não terem as adaptações. Eu disse que não precisava, que eu tinha conseguido ir ao banheiro normal. E foi assim que fui contratado."











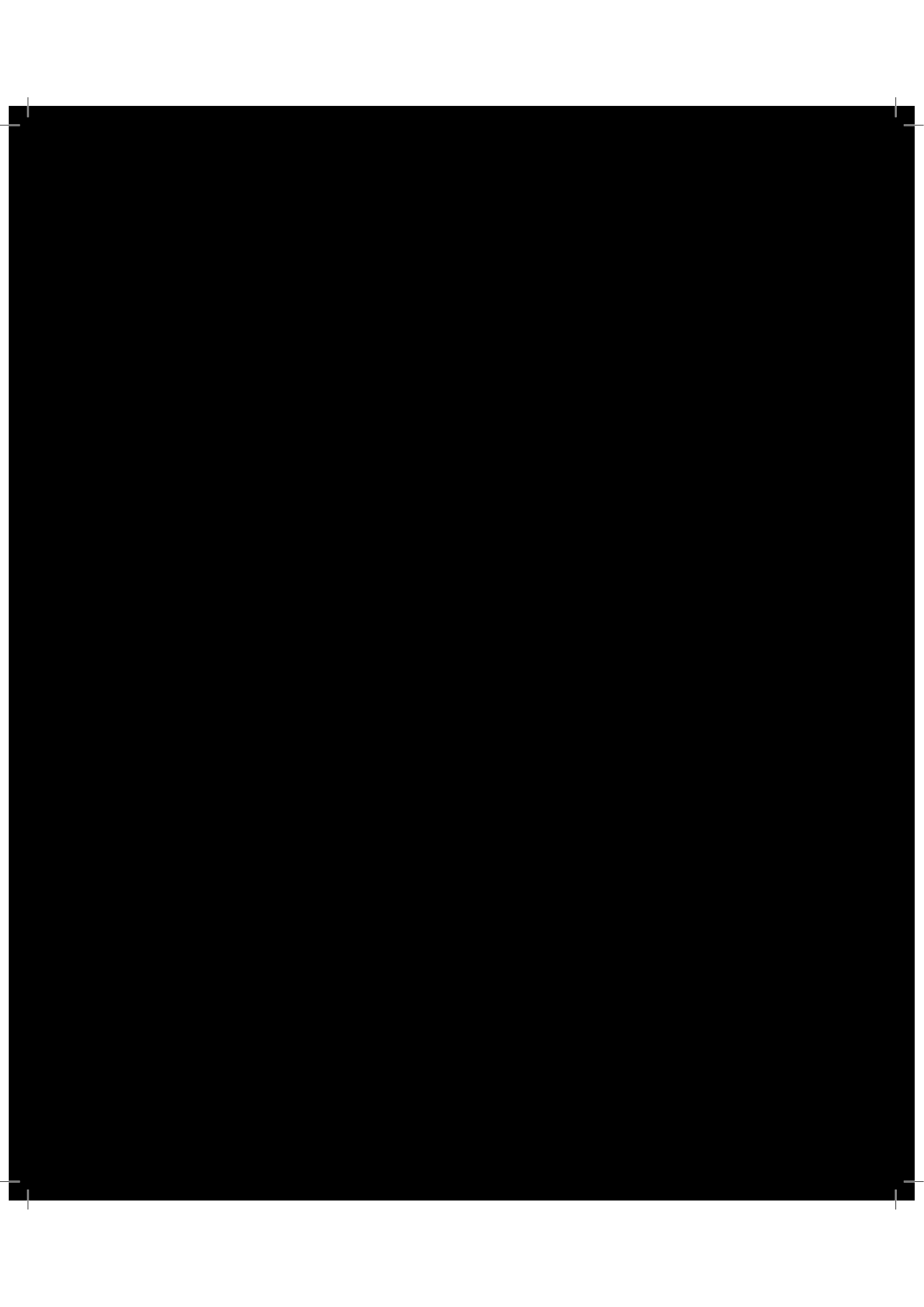








"Não é que eu sou feliz, eu vivo como tem que viver, do meu jeito, e pra mim está bom o jeito que eu vivo. Poderia até conquistar mais coisas, mas já consegui muitas coisas que até poderia não ter sido possível conseguir se eu não agisse do jeito que eu ajo."



retirar-se
para reviver

Retirar-se para reviver

Idades diferentes, nomes diferentes, famílias diferentes. O que os três têm em comum? A dependência química. Mas não só isso, a vontade de voltar a viver em sociedade de forma tranquila.

As ambições, se comparadas à maioria da população, são singelas. Não é ser diferente ou se destacar, mas sim ser igual. Mas para conseguir isso, antes é preciso retirar-se da sociedade e passar por um período de reclusão.

19 anos. Cinco destes usando drogas ilícitas e durante dois anos morou na rua. Gabriel Felipe dos Santos Almeida diz que sempre “teve uma vida boa”, que seu pai nunca deixou que faltasse nada. Mas a curiosidade falou mais alto e o primeiro trago no cigarro de maconha o levou para o vício no crack.

Eram 24 horas sob o efeito do crack. Metade do dia passava fumando e metade tentando encontrar dinheiro para comprar mais. E esse “encontrar” seria roubando ou pedindo. Em uma dessas tentativas acabou tendo de ficar dois meses na Fundação Casa.

Peterson Francisco de Souza também sempre teve estrutura familiar muito boa, mas mesmo assim começou a usar crack aos 16 anos. Assim como o Gabriel, morou na rua, roubou para conseguir crack e acabou preso. Foi um ano e meio na prisão, mas conseguiu tirar algo positivo disso: o de que nunca mais quer voltar para aquele lugar.

O mais velho da turma, com 52 anos, José Luiz Rodrigues, tem uma história um pouco diferente. Nunca usou drogas ilícitas, mas desde a adolescência é alcoólatra. Começou a beber com os amigos, mas pouco tempo depois já estava em casa, bebendo pinga com a mãe. A família era grande: ele e cinco irmãos. Entretanto, três irmãos faleceram de cirrose. Ele seria o próximo.

Foram seis anos morando na rua. Vários dias sem comer, mas nenhum sem beber. As convulsões eram frequentes, até que um dia, o Doutor disse: - Se você não procurar ajuda, vai morrer!

Gabriel, Peterson e José sonham em retomar as atividades normais do dia-a-dia. Eles não se dizem felizes, mas esperam encontrar a felicidade após o tratamento. A força que os mantém nesta luta diária também é um ponto em comum: os filhos. E para José, além do filho, os netos!







Gabriel



Peterson



José



*"É um orgulho estar vivo,
porque eu não pensava
mais em viver."*

José





"Hoje eu tenho consciência que tenho essa doença para o resto da minha vida, porque eu posso ficar 20 anos sem usar, mas se eu der o primeiro trago eu volto tudo de novo, na estaca zero. Então tem que ser um dia por dia, matando um leão por dia."

Peterson



"O que eu mais sinto falta é da minha família e quando eu sair daqui o meu objetivo é arrumar um emprego e cuidar da minha filha."

Gabriel



"Já fui feliz quando criança e quero ser a partir de hoje, porque uma coisa que eu aprendi é viver um dia de cada vez. Não adianta pensar no amanhã e no passado, porque o passado já passou e nós temos que viver o presente."

Gabriel

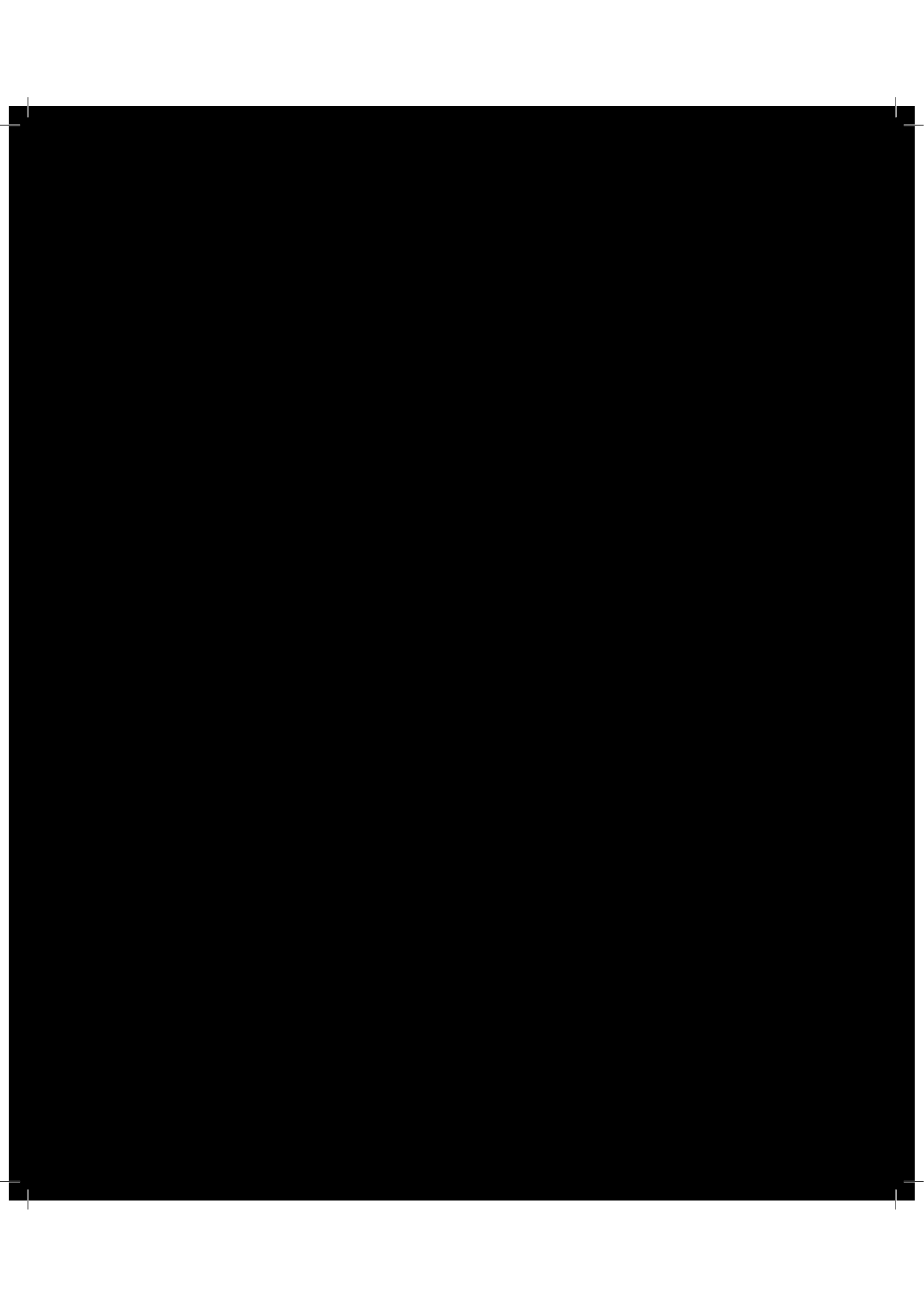






"Voltar à sociedade é muito importante, porque a gente se sente diferente. A gente se sente importante. Antes você era importante pra quem estava na rua, mas agora você é importante para a sociedade. As pessoas já te olham diferente, falam bom dia pra você, faz amizades, coisa que eu não tinha antes"

José



babalorixá

Babalorixá

Ricardo Barreira, 35 anos, conheceu a Umbanda com seis anos de idade. Começou a frequentar o terreiro escondido de sua mãe e na companhia do tio. Considerava-se uma criança diferente das demais, tinha o dom da mediunidade e podia sentir a presença de espíritos, deixando o próprio corpo livre para recebê-los.

Gostava de observar o tio em ação, recebendo entidades e embalado pelos cantos africanos. Achou fascinante e nunca mais parou de ir ao terreiro.

Ainda pequeno, teve uma experiência, vista por muitos como sobrenatural durante um dos rituais da umbanda. Dez anos depois, contou aos pais sobre a escolha de sua religião. Sua mãe mostrou-se indiferente.

Durante o período escolar sofreu preconceito, pois a religião não era reconhecida e, por muitas vezes, foi vista de forma negativa. "Antigamente, quem era umbandista não confirmava, preferia dizer que não tinha religião ou era adepto de outra. O que aumentava ainda mais o preconceito, porque a própria pessoa não conseguia assumir. Fazendo parecer que era algo errado".

Ricardo reforçou que a inserção da cultura africana nas escolas vem mudando o contexto. Hoje, o menino se transformou em Babalorixá. Essa denominação refere-se ao tempo em que a pessoa está ligada à religião e o papel que desempenha no terreiro. Há cinco anos, Ricardo criou o próprio centro de umbanda, a Aldeia Tupiniquim, na região de Bauru.

O nome refere-se à primeira entidade (espírito) que entrou em contato com ele durante sua preparação para se tornar um pai de santo, como é dito na forma popular. Hoje, Ricardo não consegue separar seu cotidiano da vida de Babalorixá. Se pudesse escolher, teria o dom da mediunidade? "Com certeza escolheria receber esse dom, gosto muito do que faço".







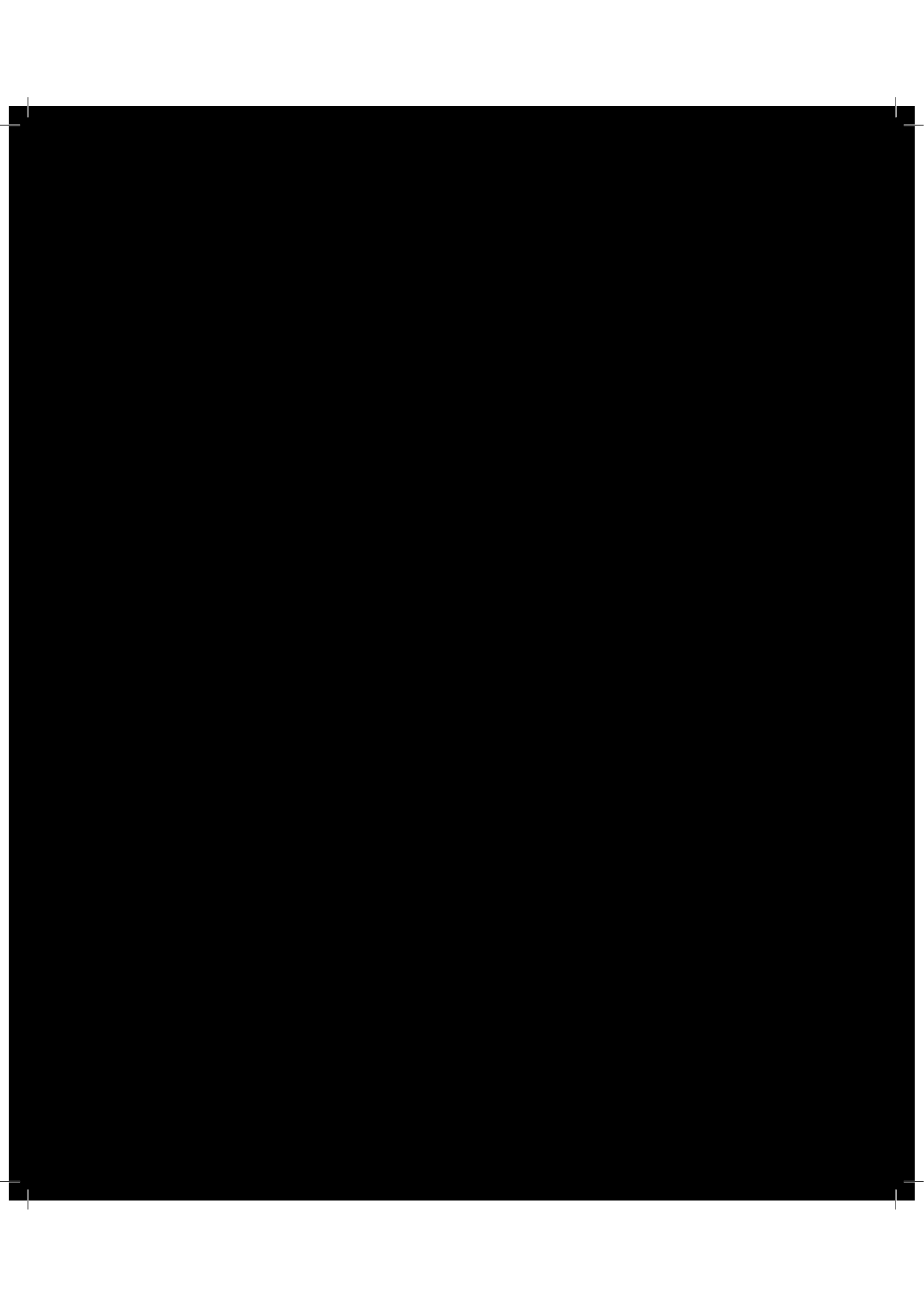


*"A Umbanda me trouxe
pessoas."*





"São 29 anos dentro da Umbanda. Não tem mais como separar."



marcas
da pele

Marcas da pele

Pênfigo ou fogo selvagem é uma doença autoimune que faz surgir bolhas por todo o corpo que ao explodirem se transformam em feridas que ficam em carne viva.

Foi justamente essa doença que tornou a vida de Maria de Fátima Ferreira da Silva mais dolorosa. A primeira manifestação foi aos 15 anos, fase em que os adolescentes estão passando por um momento de descobertas e não querem preocupações, querem apenas se divertir.

A primeira perda decorrente da doença foi o término do namoro. A segunda foi ficar longe da família.

Para que o tratamento fosse feito, Fátima teve de assumir o Instituto Lauro de Souza Lima como a sua verdadeira casa. O trauma foi tamanho, que ela passou três meses em coma. Os médicos não sabem dizer exatamente as causas do ocorrido, mas ela acredita que pode ter sido o choque de realidade que viveu.

Na época existia um estigma social relacionado às pessoas portadoras de doenças de pele. O instituto era conhecido como Sanatório Aimorés. O preconceito era tanto que os doentes tinham de se retirar da sociedade e passavam a viver em um local isolado, apesar de a doença não ser transmissível.

Fátima ainda vive nas proximidades do instituto e faz visitas frequentes aos médicos. Mas, de acordo com ela, conseguiu levar uma vida normal. Casou e teve filhos. O casamento durou pouco e ela nunca mais teve um companheiro.

As marcas pelo corpo fizeram com que Fátima evitasse tirar fotografias e se olhar no espelho. Hoje, apesar de aceitar com tranquilidade o ocorrido, ainda há lembranças marcadas em sua pele.





*"Já me perguntaram por
que eu era toda manchada.
Aquilo me subia, tinha dia
que eu brigava, mas agora
nem ligo mais."*







"Quando eu já estava bem ruim mesmo, eu só queria ficar em um quarto escuro. Não queria comer, não queria ver nada nem ninguém. Só queria morrer."

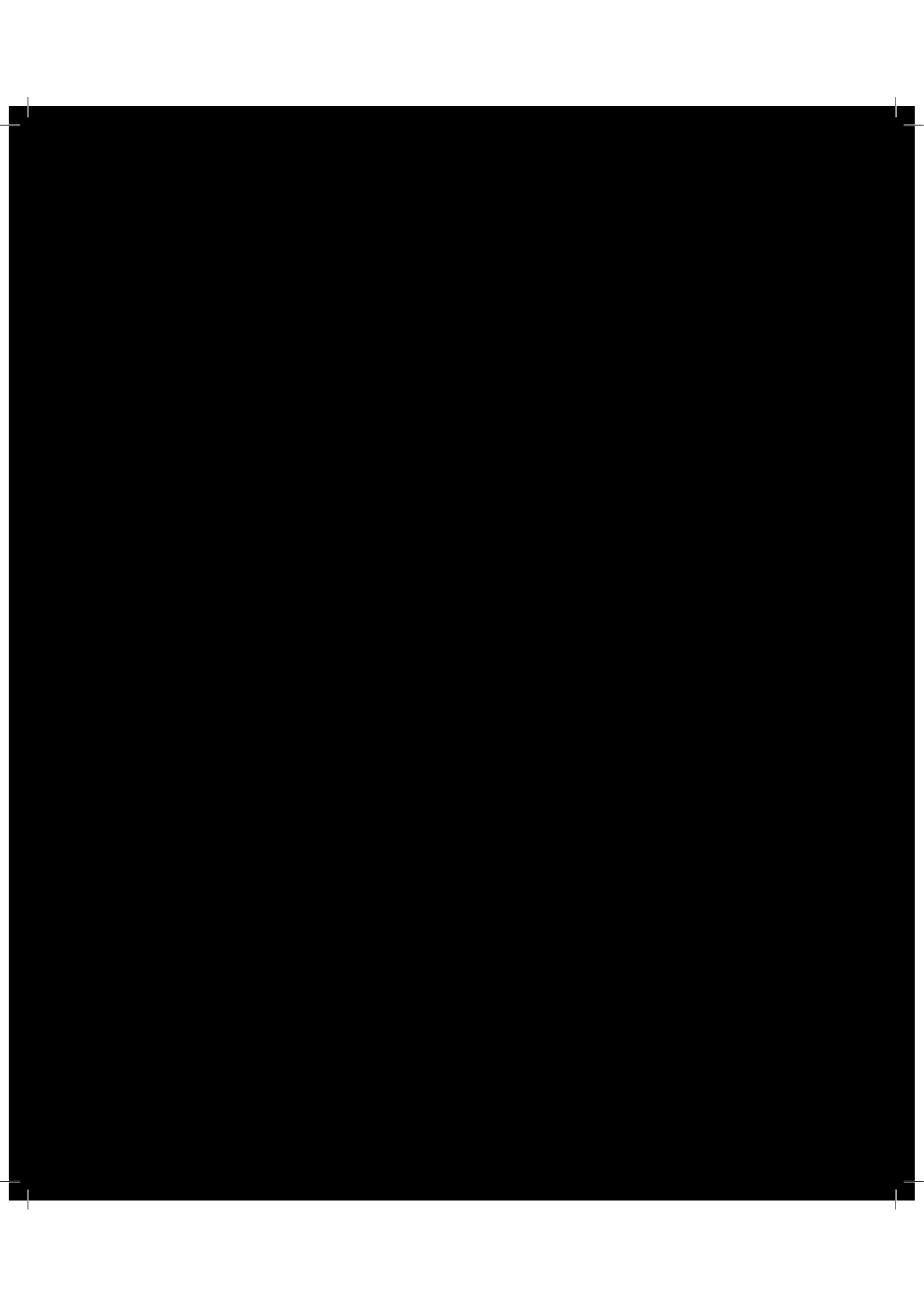


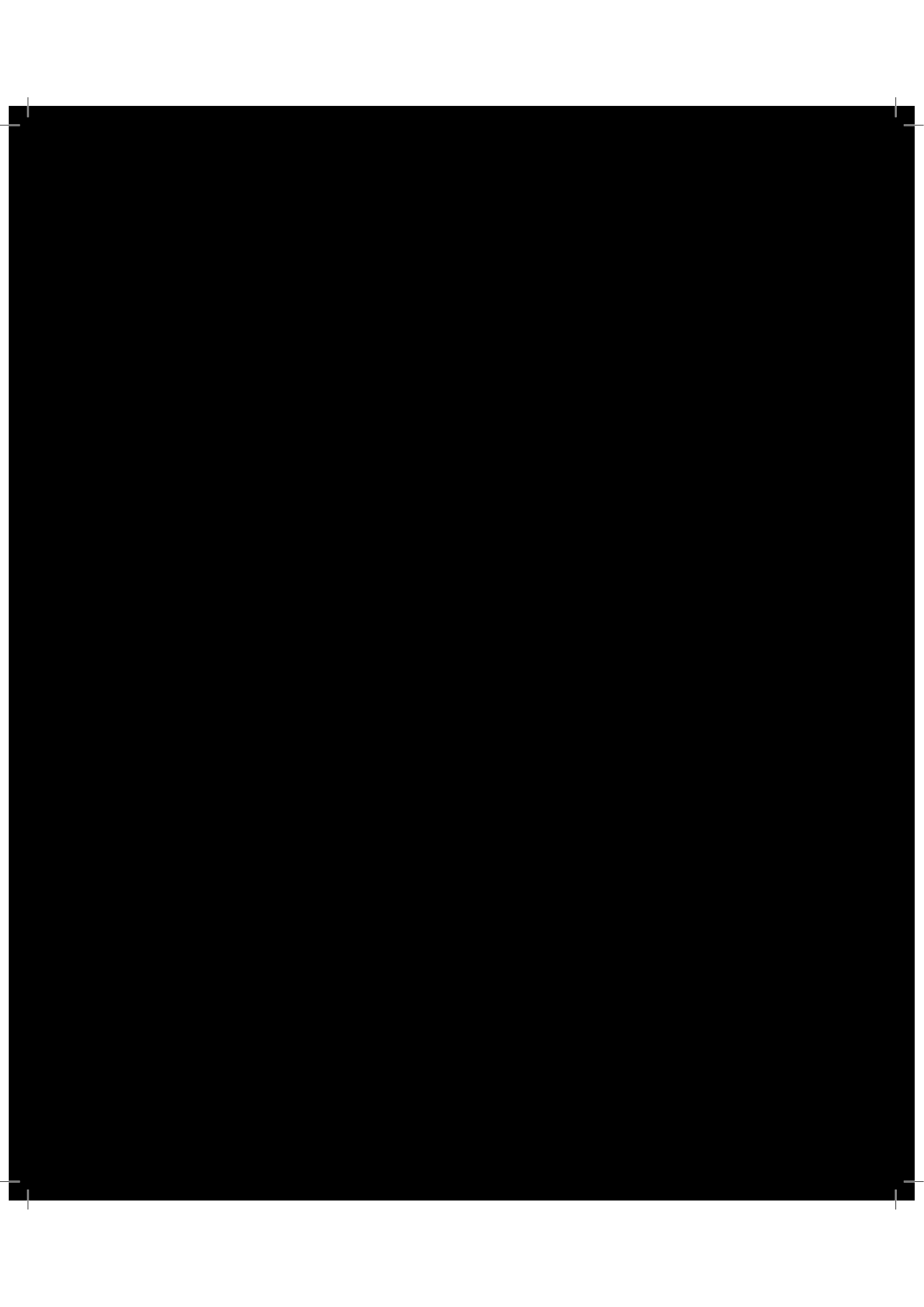




"Tinha família que não gostava que as crianças fossem na minha casa, quando eu morava no sítio ainda. Falavam para não ir porque eu era doente."







cega, negra,
dançarina

Cega, negra, dançarina

“Eu apertei a campainha. Chegou a enfermeira e perguntei: Tá de dia ou tá de noite?” Marisa de Souza Melo ia regularmente ao oftalmologista. Sabia que por ser portadora de retinose pigmentar, mais dia, menos dia perderia a visão. Para sua surpresa, o que mudaria sua vida aconteceu muito antes do previsto.

O que você faria se de repente as cortinas da janela da alma se fechassem, as luzes se apagassem e seu mundo fosse tomado pela escuridão? No momento em que ficou cega, Marisa tinha apenas um sentimento: a vida acabou! Perdeu todas as perspectivas, sentia pena dela mesma. Durante dois anos viveu em depressão, angustiada com a dificuldade na aceitação de sua condição.

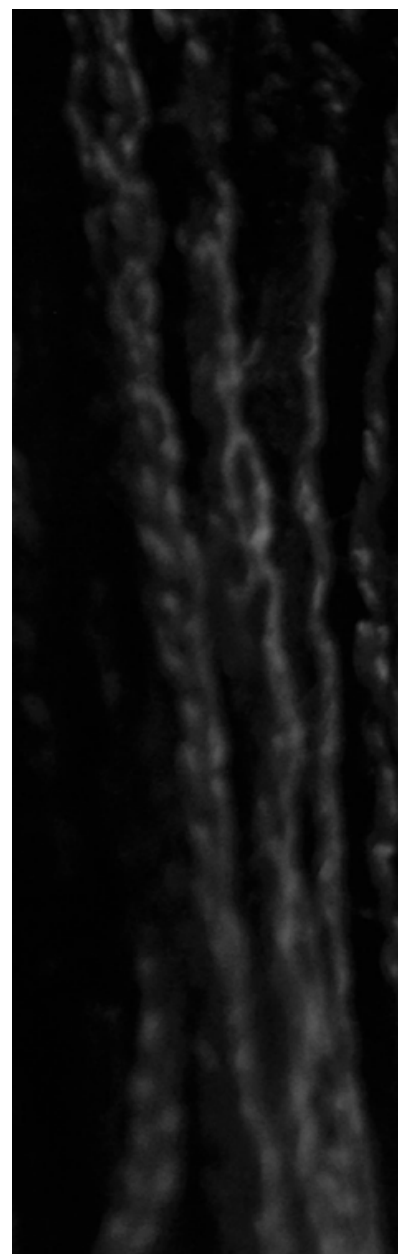
Certo dia seu marido, descontente com sua “entrega à derrota”, deu-lhe um chacoalhão de autoestima. Foi quando Marisa começou a enfrentar a realidade que teria de viver o resto da vida. Começou aos poucos. Dentro de casa se virava sozinha e desenvolveu os quatro sentidos que lhe sobraram. Olfato, audição, tato e paladar passaram a ser seus olhos e, de uma maneira espetacular, Marisa voltou a brilhar para a vida.

Antes de se tornar deficiente visual, Marisa era dançarina e dava aulas voluntárias para crianças. Ela voltou a acreditar nela mesma e começou a fazer aulas de dança. Além disso, começou a lutar pelos direitos dos deficientes visuais e a buscar melhorias para os que apresentam deficiências. “Aqui em bauru nós somos solicitados, mas não somos acreditados. Vivo brigando pelos direitos dos deficientes”, lamenta.

Marisa deu a volta por cima, enfrentou o desafio que a vida lhe impôs. Ser deficiente visual exige que você passe a confiar em pessoas que não conhece. Ir ao supermercado é acreditar que o troco que vão te voltar estará correto. Ao pedir um sapato vermelho ao vendedor de uma loja é confiar que ele vai te vender um sapato da cor que pediu.

Mas os seres humanos são falhos. Marisa já viveu situações difíceis. Além de cega é negra. Foi o racismo que lhe rendeu um dos momentos mais tristes de sua vida. Em um curso de dança a professora se recusou a ensiná-la. “Não sou obrigada a dar aula para esse tipo de gente”, disse a mulher. As palavras entraram nos ouvidos e em seu coração, mas nem por isso ela se deixou abater.

Hoje Marisa é feliz, determinada e bem sucedida no que faz. “Quando eu danço, me aplaudem em pé”, diz orgulhosa.











"Eu comecei a acreditar em mim, por mais que as pessoas falem que eu não tenho capacidade. Se eu não tentar eu vou me lamentar depois."

"Sofro preconceito. As pessoas acham que nós, deficientes, não somos capazes."





"Você é capaz desde que acredite em você."

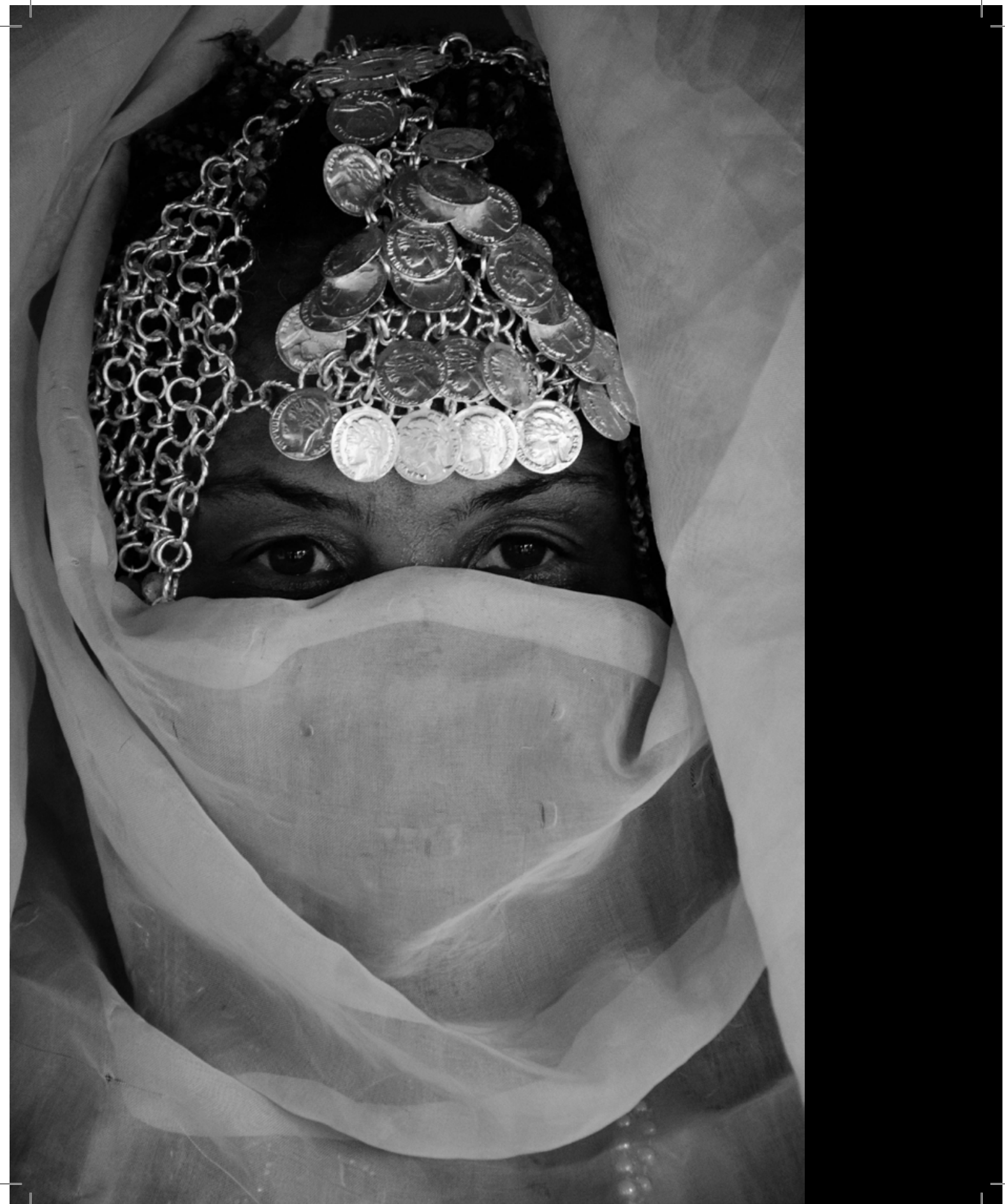


*"Eu tenho que acreditar
no ser humano, mas seres
humanos são falhos."*



*"Aqui em bauru nós somos
solicitados, mas não somos
acreditados."*







"Vamos nos adaptando a situações, tudo o que é novo na sua vida você vai se adaptando aos poucos."





*"Não queremos ser
inseridos de qualquer
maneira, queremos ser
como todo mundo é."*

"Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso,
Jogando meu corpo no mundo,
Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus
Ou vestidos de lunetas,
Passado, presente,
Participo sendo o mistério do planeta".

Moraes Moreira

